

AS SOCIEDADES TRADICIONAIS

META

Apresentar as principais características das sociedades tradicionais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: compreender a natureza das sociedades tradicionais como sociedades hierárquicas.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimentos sobre processos históricos de mudança social.



Da esquerda para a direita: Gueixa; Hindu; Maori (Fontes: 1. <http://www.international.ucla.edu>; 2. <http://media-cdn.tripadvisor.com>; 3. <http://www.tatuagem.org>).

Não seria exagero afirmar que os membros de uma sociedade tradicional estão voltados para o passado e expressam essa atitude através de diversas formas de ritualização. Entretanto, isto não significa que tais sociedades estão paralisadas no tempo e no espaço, apenas que estão mais voltadas para a reprodução dos modos de agir, de sentir e de pensar do grupo do que para a sua renovação.

INTRODUÇÃO



(Fonte: <http://www.mnemocine.com.br>).

De forma bastante geral, podemos apontar algumas características das sociedades tradicionais, senão vejamos:

1) Aglomerados populacionais pequenos e homogêneos: comumente, encontraremos nessas sociedades uma baixa densidade demográfica; além disso, uma profunda homogeneidade física, cultural, econômica, religiosa etc.

TRADICIONAIS

2) Baixo nível de desenvolvimento tecnológico e pequena divisão do trabalho social: uma característica fundamental nesses ambientes tradicionais é a ausência do desenvolvimento de técnicas avançadas que produzam, por exemplo, alimentos e energia em abundância; também podemos observar uma divisão do trabalho rudimentar, geralmente uma divisão sexual e etária, pois aqui o conhecimento encontra-se bastante socializado, o que permite que todos dominem razoavelmente bem as atividades necessárias à sobrevivência.

3) Localização no espaço rural e atividades produtivas agrárias: o espaço típico desses grupos é a área rural e as atividades produtivas como a agricultura, a pecuária e a pesca são para subsistência da comunidade. Assim, em função da baixa produtividade, esses grupos também são conhecidos como “sociedades de escassez”, justamente em virtude da pequena capacidade de gerar excedentes significativos.

4) Centralidade da dimensão religiosa: a religião é o principal mecanismo de produção de sentidos. Isto significa que todas as esferas da vida comunitária estão ancoradas nas crenças religiosas, sejam elas quais forem. É o que alguns estudiosos chamam de mundos encantados.

5) Hierarquia: nas sociedades tradicionais todos os membros só existem em função de um vínculo com um determinado grupo – família, casta, totem e outros. Nesse universo, é muito comum que aquilo que poderíamos chamar de lugares e papéis sociais sejam fixados desde o nascimento. Aqui, os fatores hereditários têm um poder significativo.

6) Noção de Tempo: outro traço bastante comum às sociedades tradicionais se expressa na concepção de tempo, que nesses casos

se apresenta como lento, cíclico e, assim, de “eterno retorno”. Um tempo marcado pelo ritmo da natureza, comum a todo o grupo. Não há nessas sociedades uma associação entre tempo e produtividade, agilidade, pressa. Nesses grupos não há sentido na expressão “perder tempo”.

7) Conhecimento e Autoridade: existe uma dimensão do conhecimento nessas sociedades, referentes à tradição, que é dominada, exclusivamente, por alguns dos seus membros – idosos, feiticeiros, pajés, curandeiros ou outros. São essas figuras que fazem a mediação entre o passado, o presente e o futuro do grupo. Tais conhecimentos lhes conferem uma autoridade que não pode ser pleiteada por qualquer membro do grupo. Alguns autores os chamam de guardiães da tradição.

8) A Memória: os grupos sociais tipicamente tradicionais cultivam uma memória coletiva que se expressa, por exemplo, nos seus mitos e ritos, que são guardados e interpretados pelos guardiães, o que significa que não há o “engessamento” dessas tradições. A memória do grupo exerce forte capacidade de estruturar os seus

modos de agir, pensar e sentir. Lembremos que não há destaque para a memória individual nesses grupos.

Ressalvemos que as características das sociedades tradicionais acima apresentadas resultam de uma possibilidade interpretativa construída nas sociedades modernas. Tal classificação é desenvolvida por contraste, como pudemos notar. Por mais que se baseie em observação e formulações conceituais, também está ancorada em determinada cosmovisão, o que, aliás, é um procedimento desenvolvido por todo e qualquer grupo humano quando classifica outros grupos.



Família Hindu. (Fonte: <http://www.elpais.com>).

Dito isto, insistimos que a lógica de funcionamento das sociedades tradicionais envolve um sentido de comunidade e, conseqüentemente, de interatividade; significa um destino comum para a totalidade do grupo; o passado é um modelo, sobretudo, a ser seguido, apesar de poder ser resignificado; são sociedades onde há uma semelhança muito grande entre os seus membros, da compleição física às crenças religiosas; são mundos voltados, principalmente, para o atendimento das demandas coletivas e não para as necessidades particulares.

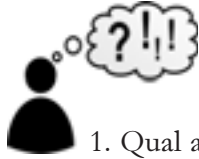
CONCLUSÃO

Traços como os que foram apresentados podem ser observados, ao longo da história, tanto nos grupos maoris da Nova Zelândia, quanto na civilização asteca, na Grécia antiga, no povo Hebreu ou nas tribos mais isoladas da Amazônia. Entretanto, não podemos esquecer que tais traços também podem ser detectados em sociedades que passaram – e outras ainda passam – por um processo de modernização. Assim, tanto na moderna Europa quanto na híbrida Índia, não é difícil identificar algumas características descritas. A grande diferença é que esses traços já não serão dominantes nas sociedades modernas. Os aspectos que caracterizam estas últimas é o que vamos estudar na próxima aula.

RESUMO



As sociedades tradicionais podem ser definidas como aquelas que estão voltadas para a reprodução dos seus modos de pensar, agir e sentir. Nesse tipo de sociedade, podemos identificar, entre outros: o baixo desenvolvimento das tecnologias, a religião ocupando um lugar central, o tempo visto como cíclico e as hierarquias sociais representadas como fixas. Entretanto, não podemos afirmar que tais sociedades estão paralisadas, apenas que a mudança não é um valor caro a esses grupos.



ATIVIDADES

1. Qual a característica das sociedades tradicionais que lhe chamou mais a atenção?
2. Qual a noção de tempo nessas sociedades?
3. Qual a importância da religião nessas sociedades?
4. O que significa a expressão sociedades de escassez?
5. Qual o exemplo que você daria de uma sociedade tradicional?
6. Por que as mulheres são objetos do ritual da excisão?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Tente identificar uma característica que esteja mais próxima do grupo em que você vive;
2. Não esqueça que o tempo nessas sociedades está muito ligado à natureza;
3. Desenvolva o raciocínio no sentido de identificar na religião a principal âncora dessas sociedades;
4. Lembre-se que o nível de tecnologia e divisão do trabalho são precários;
5. Um bom exercício seria lembrar de um filme;
6. Atente para o lugar social ocupado pelas mulheres no universo em questão.

MUTILADA

Khady

(Depoimento de uma mulher senegalesa nascida em 1959)

Vovô tem três mulheres: Marie, a mãe da minha mãe, é a primeira esposa; Fouley é a segunda, a quem foi confiada a minha educação; e Asta a terceira, com que vovô se casou depois da morte de um irmão mais moço, segundo o costume. São todas nossas avós, mulheres sem idade que nos amam indiferentemente, nos punem e nos consolam.

Na língua soninké, a avó nos anunciou que vamos ser *salindé* para ‘poder rezar’, o que quer dizer em nossa língua, ser purificadas para alcançar a prece. Em português: ‘excisadas’. Diz-se também: cortadas.

Em nossos países da África negra, a excisão é praticada tanto pelos animistas, como pelos cristãos, pelos muçulmanos como pelos judeus, *falashas*.

Com sete anos, ignoro totalmente, como todas as meninas, que sou dotada de um clitóris e para o que ele serve. Nunca reparei nele e não o verei mais. A única coisa que contava naquela manhã, era o anúncio de uma dor pavorosa da qual ouvira vagos ecos que não pareciam, contudo, me dizer respeito.

A mulher puxa com os dedos, o mais possível, o minúsculo pedaço de carne e corta como se cortasse um pedaço de carne de zebu. Infelizmente, é impossível para ela fazê-lo com um único gesto. Ela é obrigada a serrar.

Em um canto da minha cabeça, continuo sentada debaixo da mangueira da casa dos meus avós, no lugar onde eu era feliz e fisicamente intacta. Pronta para me tornar adolescente, depois mulher, pronta para amar, pois teria sentido necessariamente o desejo...Que me foi proibido.

(Essa prática ainda é comum em alguns países africanos)

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro. **Introdução à Sociologia – complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **Em defesa da Sociologia – ensaios, interpretações e réplicas**. Tradução de Roneide V. Majer e Klaus B. Gerhardt. São Paulo: Unesp, 2001.
- MELLO E SOUZA, Nélson de. **Modernidade – a estratégia do abismo**. Campinas: Unicamp, 1999.